



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

# As duas Meditações de Lomonóssov

---

## Lomonosov's Meditations

Autor: Rafael Frate  
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil  
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 27  
Publicação: Novembro de 2024  
Recebido em: 13/04/2024  
Aceito em: 30/09/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.225212>



FRATE, Rafael.  
*As duas Meditações de Lomonóssov*  
RUS, São Paulo, v. 15, n. 27, pp. 209-222, 2024

# As duas meditações de Lomonóssov

Rafael Frate\*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta a tradução de duas das mais conhecidas obras do polímata setecentista russo Mikhail Lomonóssov: “A Meditação Matinal sobre a Grandeza Divina” e a “Meditação Noturna sobre a Grandeza Divina”, ambos produzidos no auge de sua carreira poética. Para tanto, apresento um breve relato do significado dentro da história literária russa de tais obras, dois breves poemas que representam a mais fina flor do caráter de Lomonóssov enquanto poeta, bem como um vislumbre de sua atividade científica mediante sua poesia, bem como sua complexa relação com o divino. Para estas duas produções basilares da poesia russa, ofereço tradução analógica em decassílabos heroicos.

**Abstract:** The following article presents with translations to Portuguese two of the most famous poems of the 18th C. polymath Mikhail Lomonosov: the Morning Meditation on the Divine Greatness and the Evening Meditation on Divine Greatness, both composed in Lomonosov’s poetical heyday. For the presentation I provide a brief account on of these two odes within the history of Russian literature, glancing at his career as a natural philosopher and his complex relationship with the divine. The translations of these groundbreaking poems are effected analogically in Portuguese heroic decassyllables.

**Palavras-chave:** Lomonóssov; Literatura russa; Século dezoito; Tradução literária  
**Keywords:** Lomonosov; Russian literature; Eighteenth century; Literary translation

\* Doutor em Letras Clássicas, Mestre em Literatura e Cultura russa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/2879455296458619>; <https://orcid.org/0000-0003-4420-6126>; [rafael.ncf@gmail.com](mailto:rafael.ncf@gmail.com)

**A**presentam-se aqui, pela primeira vez traduzidas em conjunto no Brasil<sup>1</sup>, as duas meditações de Mikhail Lomonóssov, poemas compostos em 1743, momento ainda inicial mas já poderosamente prolífico da carreira do polímata, tanto do ponto de vista de sua produção poética, quanto do ponto de vista de sua atuação como douto e filósofo natural na Academia de Ciências de S. Petersburgo. Tratava-se de um momento em que Lomonóssov se encontrava em prisão domiciliar por ter agredido um colega da Academia de Ciências.<sup>2</sup>

A década de 1740, como se sabe, foi determinante nas letras russas, pois assinalou o triunfo da proposta formal poética de Lomonóssov, que inaugura, na teoria e na prática, em 1739 (data da Carta sobre as Regras de Versificação da Poesia russa e da Ode sobre a Tomada de Khotin), o padrão de composição de versos que permanece na língua até hoje: o sistema sílabo-tônico. Na referida ode, Lomonóssov compõe pela primeira vez o famoso tetrâmetro iâmbico disposto em esquema de rimas de

---

1 Até onde pude atestar, tendo feito rasa pesquisa da fortuna tradutória dos poemas, apenas a *Meditação Noturna* foi traduzida por Marco Lucchesi, no livro *Bizâncio* (Lucchesi 1997, pp. 82-85).

2 Essa briga, que acabou em um período de reclusão domiciliar por oito meses, sendo posto em liberdade apenas em janeiro de 1744, é um dos episódios mais polêmicos da biografia do polímata e um dos momentos de maior carestia de sua vida, que, todavia, não o impediu de produzir obras como as analisadas aqui, bem como a primeira versão de sua *Retórica*. Cf. Pekárski, 1873, Vol. 2. pp. 338-341.

tonicidade alternante, o esquema julgado na carta mais apropriado à língua russa. Nas primeiras tentativas dentro de tão vasto universo de possibilidades, predominou esse esquema, aplicado ao gênero poético mais praticado no século, a ode.

Lomonósov notabilizou-se pelas composições de uma subdivisão desse gênero, a ode panegírica solene, poema cuja função primordial era louvar o monarca, com vistas de serem declamadas em dada ocasião de corte. Essas composições constituíram o grosso da obra do polímata, estabelecendo também os primeiros padrões estróficos da língua e delimitando para cima o nível elocucionário da poesia russa, questão teorizada posteriormente em sua Carta sobre o uso de Livros Eclesiásticos (1753).<sup>3</sup> Nesse tipo de ode, a décima francesa torna-se a estrofe padrão para a composição de odes solenes pelas próximas décadas na Rússia.<sup>4</sup> Porém, odes não eram um gênero exclusivamente ligado aos louvores de determinada figura.

No séc. XVIII, ode, regra geral, é um gênero que se caracteriza por ser um discurso poético, que pode assumir diversas formas e funções, mas que seja grandiloquente, transportado e trate de matéria sobretudo nobre, grave, importante, podendo também expressar matérias de gêneros mais baixos, como reflexões e enaltecimentos do amor e da graça, parafraseando a definição de Trediakóvski.<sup>5</sup> É uma definição bastante ampla, o que leva mais tarde Derjávín, em seu “Juízo sobre a Poesia Lírica ou sobre a Ode”, a tratar esses dois termos como

---

3 Para uma tradução da obra cf. Frate, 2016 a, pp. 204-209.

4 Em esquema rimático aBaBccDeeD, geralmente organizando sintaticamente os períodos do poema em unidades de um quarteto e dois tercetos.

5 Segundo a definição de Trediakóvski em seu Juízo sobre a Ode em Geral (1753): “Ode é a reunião de diversas estrofes, consistindo de versos de medida igual ou irregular, nos quais certamente sempre se descreve matéria nobre, grave, raramente delicada e agradável em discursos deveras poéticos e suntuosos” (ода есть совокупление многих строф, состоящих из равных а иногда и неравных стихов которыми описывается всегда и непременно материя благородная, важная, редко нежная и приятная, в речах весьма пиитических и великолепных) Trediakóvski, Alekseeva, 2009, pp. 156-158. É importante ter em mente que a proposta de Trediakóvski está intrinsecamente ligada ao *Discours sur l’Ode* de Boileau, texto polêmico no contexto da *Querèle des Anciens e des Modernes*, acompanhado de um exemplo poético, a *Ode sur la Prise de Namur* declamada à Academia Francesa em 25 de agosto de 1693. Cf. Boielau, 1966, pp. 227-234.

sinônimos.<sup>6</sup> A questão é um pouco mais complexa do que quer Derjávín, porém, por seu próprio conceito, ela é sem dúvidas a representante mais versátil da lírica, o gênero da inspiração e do transporte por excelência.

Possivelmente, o que mais dava inspiração a um poeta que foi também uma das brilhantes mentes encantadas com as propostas de Leibniz, Wolf e de toda a Ciência que então se estabelecia com as principais mentes do Iluminismo, era um fenômeno natural. Assim, Lomonóssov compõe em 1743 duas odes, uma dedicada a um dos fenômenos naturais mais majestosos de então, a aurora boreal, e outra dedicada ao que hoje sabemos ser o causador desse fenômeno, o Astro-Rei. Ambos os poemas seriam apenas posteriormente publicados, sendo que a “Meditação sobre a Aurora Boreal” seria incluída integralmente na versão final de sua *Retórica* de 1747. A “Meditação Matinal” apenas entraria em suas obras reunidas de 1751.

As Meditações são, portanto, odes. Pelas próprias palavras do autor (em um tratado sobre a aurora boreal),<sup>7</sup> ele assim as define, e ela guarda algumas características formais que a tornam como tal: compostas em sextas, no esquema de rimas AbAbCC,<sup>8</sup> com estilo transportado, sublime, bem à maneira da “bela desordem” prescrita por Boileau, elas pouco ou nada diferem em forma, elocução e estilo de outro gênero muito importante

---

<sup>6</sup> Derjávín, talvez o maior expoente da poesia lírica setecentista russa, iguala o termo ‘ode’ a poesia lírica, dizendo ser o primeiro modo de expressão poética humana, sendo ela a expressão de “influxo de um ardente espírito, reverberação de sentimentos tocados, arrebatamento ou transbordamento de um coração entusiasmado” (отлив разгоряченного духа; отголосок растроганных чувств; упоение, или изливание восторженного сердца). Derjávín/Grot, 1872 p. 516.

<sup>7</sup> As explicações da Oração sobre Aparições Aéreas Elétricas (publicado pelo autor em lat. e russo: *Orationis de Meteoris Electricis Explanationes / Iziazniénia, nadlejaschee k slóvu o eletrícheskikh vozdúchnykh iavliéniaxh*), de 1753. É um texto em que Lomonóssov responde a críticas à sua dissertação “Oração sobre as Aparições Elétricas, de que sua teoria seria mera imitação da propostas por Benjamin Franklin. Nesse texto, ele faz a seguinte afirmação: “Minha ode sobre a aurora boreal, composta em 1743 e posteriormente publicada em 1747 na *Retórica*, contém minha opinião de que a aurora pode ser produzida pelo movimento do éter (PSS, vol. 3, p. 123).

<sup>8</sup> O esquema de rimas da “Meditação Noturna” é diferente da “Meditação Matinal”, no fato de que, enquanto nesta há a esperada alternância entre masculinas e femininas, naquela todas as rimas são masculinas, isto é oxítonas ou monossilábicas, peculiaridade única na obra de Lomonóssov.

nesse contexto, as chamadas odes espirituais (em russo, *dukhóvnye ody*). São poemas intrinsecamente ligados à Paráfrase de Salmos, gênero praticado por todo o século XVII em eslavônico e iniciado no XVI Polonês. Durante a primeira geração da poesia russa, foi um gênero ainda muito praticado, oferecendo a forma da primeira, digamos, competição literária da língua, com os seus três principais nomes, Trediakóvski, Lomonósov e Sumarókov, com cada um criando sua própria paráfrase do Salmo 143 (144), publicado em brochura datada de 1744.<sup>9</sup>

Se adotarmos a terminologia de Alekséeva (2005), como exposto em sua fundamental tipologia da ode oitocentista russa, pode-se dizer que estas odes não se encontram no modo propriamente pindárico, mas no horaciano, mais afeito à reflexão e ao maravilhamento do que ao louvor a determinada figura de importância política.<sup>10</sup> Porém, independentemente de sua classificação e atribuição a tal ou tal espécie lírica, são poemas que se destacam na obra do polímata, principalmente pelo fato de que aqui Lomonósov poeta mais se aproxima da outra metade de sua alma, a do filósofo natural empenhado em desvendar as leis e regras do universo, que o levou de fato a se tornar o primeiro cientista da Rússia.

Nesses poemas, o *eu* demonstra de maneira transportada, inspirada, todo o maravilhamento e estupefação diante de um fenômeno tão majestoso e misterioso quanto a aurora boreal à noite e o sol, durante o dia. Na “Meditação Noturna”, Lomonósov expressa o espetáculo que se descortina ao cair

---

9 Nesse importante episódio da primeira geração, a disputa consistiu basicamente na questão de uma postulada semântica métrica, em que Lomonósov defendia o iambo como o pé mais apropriado para poemas de elocução elevada, pela célebre frase de que “serenamente se erguerem, os iampos amplificam a nobreza a altivez e a magnificência da matéria.” Sumarókov adota a mesma forma métrica, com uma estrofe diferente, marcando aqui, na questão da melhor forma poética, sua afiliação a Lomonósov e, portanto, sendo o primeiro poeta de peso a compor nela. Por sua vez, Trediakóvski defendia ao menos do ponto de vista semântico, e usou seu pé favorito, o troqueu, em uma décima francesa. Para um relato bastante completo dessa disputa, cf. Shíchkin, 1983.

10 Em seu livro sobre o conceito e a história da ode na Rússia, Alekséeva estipula basicamente dois modos de ode para a poesia russa: a horaciana, um momento inicial da horaciana, baseada na transposição formal das odes horacianas, principalmente do ponto de vista da construção estrófica, e a pindárica, posterior e caracterizada sobretudo pelo aspecto panegírico de determinada figura política.

da noite, onde um “brilhante fogo” traz à escuridão a luz de um “dia pleno”. Na estrofe 6 há um catálogo de hipóteses aventadas para o fenômeno, até então um mistério não solucionado por explicações materiais (a explicação definitiva sobre o fenômeno só viria no séc. 20, com as propostas sobre a natureza do ‘vento solar’ dos físicos Kristian Birkeland, em 1916, e Frederick Lindermann, em 1919). Parafraseando, colocam-se as perguntas: seria o fenômeno a agitação de bruma espessa contra a água, um reflexo da luz solar, cumes de nuvens queimam, ou pela interrupção do vento chocam-se ondas plácidas pelo éter? Esta última hipótese parece ser a versão poética do que ele exprime no trabalho citado acima (nota 8), dedicado a Benjamin Franklin. Já a “Meditação Matinal” é um poema que ele dedica ao sol, em que é colocada uma descrição do ponto de vista de quem olha o astro mais de perto, como na impressionante estrofe 3, em que a aproximação do objeto revela o mar de fogo que derrete pedras como água a revolver-se por eras incontáveis.

As duas meditações entram na obra poética de Lomonóssov como odes que apresentam, em forma tradicional, matéria inédita, em russo, de cunho científico. Podem ser agrupados com outro famoso poema escrito pelo polímata, na categoria de “poema científico”: a Carta sobre o Uso do Vidro, epístola dedicada a seu amigo e mecenas Ivan Chuválov.<sup>11</sup> Nessa epístola, Lomonóssov demonstra toda sua experiência com a teoria e técnica de produção de vidro, desenvolvida paralelamente às suas atividades na Academia de Ciências, na fábrica de vidro fundada pelo polímata, que produziu para as artes plásticas russas os primeiros mosaicos da Rússia Petrina. Um poema que, com toda a informação tecnológica da época, filia-se à tradição didática iniciada por Hesíodo com seus *Trabalhos e Dias*. Muito da crítica soviética, a começar por Plekhánov, passando pelo enaltecimento da figura e do “mito” de Lomonóssov, sobretudo a partir do período estalinista, reforçavam essa característica inovadora, muitas vezes a despeito de considerações sobre a forma poético-retórica dentro da qual ela se construía.

Note-se, porém, os títulos dos poemas: a meditação matinal

---

11 Encontra-se em PSS. 8 pp. 508-522.

e a meditação noturna são sobre a Majestade Divina. Já aqui parece haver a indicação de que Lomonóssov supõe um “primeiro motor”, se não na conceitualização aristotélica, em uma concepção que separa criação de criatura, no centro de sua estupefação com a natureza. A começar pelos títulos, as meditações, ainda que achem todas as hipóteses racionalistas disponíveis até então, são em último caso um reconhecimento nada tácito de que a grandeza de Deus é tamanha, a ponto de ser inabarcável pelos cérebros humanos limitados.<sup>12</sup> Ainda que esteja expressando um deísmo tipicamente iluminista, a “Meditação Noturna” é um poema que explicitamente põe em dúvida o conhecimento dos sábios, apresentando respostas naturalistas para o fenômeno em forma de catálogo, e afirma a grandeza do Criador, o escritor das regras da realidade, insuficientemente registradas pelo “olhar ligeiro” dos “mais doutos”.

Já a “Meditação Matinal” é ainda mais incisiva na postulação da figura de um criador transcendente. Além de toda criatura exclamar “Senhor, provedor de meu viver” (Est. 5), diante do esplendor da existência, na estrofe 7 é ainda mais revelador o epíteto final dado ao Criador (Imortal Tsar), completando o poema à maneira de hino clético, espécie lírica praticada desde o período arcaico grego, em que o eu poético, por convenção insuficiente ou padecente de algum sofrimento ou angústia, pede a resolução dessa insuficiência ou padecimento a determinada potencialidade divina, de modo a invocá-la para ter com ele de alguma forma.<sup>13</sup> A ode matinal de Lomonóssov pede, por ocasião da descrição lírica do objeto mais importante dentro do seu sistema (visão, ressalte-se, polêmica dentro de seu contexto histórico) a luz eterna e ilimitada a um eu “por trevas encoberto”.

---

12 Veja-se a afirmação dos comentários das obras completas à Meditação Matinal: “Não há dúvidas de que as palavras “sobre a majestade divina” foram introduzidas por Lomonóssov nos títulos oficiais de ambas as odes, principalmente por questões relacionadas à censura. A posição sustentada nestas duas odes da apresentação materialista da realidade, especialmente sobre os corpos celestes provocaram uma ativa resistência da parte do poder eclesiástico.” PSS, vol. 8 p. 910.

13 Talvez o mais famoso hino clético da antiguidade seja Safo Fr. 1 V, o Hino a Afrodite. Cf. também: Il. 5.115-120 (prece de Diomedes a Atena); Anacreonte, fr. 357 C. (hino a Eros); Horácio Od. 2. 19 (hino a Baco).

A crítica soviética é geralmente incisiva ao atribuir essas características a um deísmo iluminista, que na prática desconsidera o papel da divindade frente à criação. Mas é uma visão não muito simples de se aplicar a um poeta que, afinal, em inúmeras outras passagens reafirma a existência transcendente de um Criador, jamais afirmando um ateísmo patente, muito menos militante, ou haver um descompasso total das Escrituras com a Ciência. Para citar a já mencionada Ode tomada de Jó, aqui é parafraseado um dos trechos mais terríveis do *Antigo Testamento*, que mais geram o temor reverencial, que talvez mais fielmente traduza a palavra *grozny*: a resposta de Deus a Jó, em que Ele fala que, com toda a grandeza do sofrimento do paciente justo patriarca, ele é mínimo frente à grandeza da Criação, cabendo a Jó apenas calar-se. A expressão de divindade a um Deus velho testamentário parece ser muito mais afeita a uma perspectiva poética ou cosmovisão lomonossoviana.

Seja como for, escapa ao escopo desta apresentação entrar em discussão aprofundada da posição do Deus Criador judaico-cristão dentro do pensamento e obra de Lomonóssov.<sup>14</sup> Minha intenção aqui é apenas dar uma tradução das duas composições, únicas na poesia russa, situando-as minimamente em seu contexto. Um tratamento mais detalhado da postura de Lomonóssov, bem como a posição da ode, considerada de uma maneira geral dentro do sistema literário oitocentista russo, é trabalho para uma outra ocasião.

## Da tradução

Para a tradução adoto postura analógica,<sup>15</sup> fazendo uso estrito do decassílabo heroico, tentando, quando possível, manter a alternância tônico-rimática do sistema de partida.

---

14 Tal resposta à questão puramente deísta de Lomonóssov como parte do entusiasmo que a crítica soviética demonstrou está delimitada e parcialmente refutada em Moser, 1971.

15 Isto é, definindo a escolha pelo que o verso representa dentro da tradição poética de determinada língua. Cf. Frate, 2016 b.

### **Meditação Matinal sobre a Majestade Divina**

1

Subiu já o astro ao céu, maravilhoso,  
Verteu seu brilho pela terra calma  
E revelou o mundo majestoso;  
Repara co' alegria então, minha alma,  
Mira quão claro todo este esplendor  
E vê por ele o próprio Criador.

2

Se a nós mortais pudesse o dom ser dado  
De ir voando até uma altura tal  
Que, ao sol nosso olhar breve alcançado,  
Pudesse dele ter visão total,  
Então, abrir-se-ia a todo canto  
Interminável fulgurante Oceano.

3

Batem-se lá incessantes ígneas vagas  
E não se encontram margens aportáveis,  
Tormentas lá de fogo entrecrocadas  
Revolvem-se por eras incontáveis.  
Pedras lá tal como água em vapor fervem  
Chuvvas ardentes lá ao lume servem.

### **Утреннее Размышление о Божием Величестве**

1

Уже прекрасное светило  
Простерло блеск свой по земли,  
И Божия дела открыло:  
Мой дух, с веселием внемли;  
Чудяся ясным толь лучам,  
Представь, каков Зиждитель сам!

2

Когда бы смертным толь высоко  
Возможно было взлететь,  
Чтоб к солнцу брэнно наше око  
Могло, приближившись, воззреть,  
Тогда б со всех открылся стран  
Горящий вечно Океан.

3

Там огненны валы стремятся  
И не находят берегов;  
Там вихри пламенны крутятся  
Борющись множество веков;  
Там камни, как вода, кипят,  
Горящи там дожди шумят.



4  
Mas toda essa furiosa imensidade  
É uma fagulha frente a Tua grandeza.  
Ó, luzeiro de nossa claridade,  
Ó, luz vital por Ti, Senhor, acesa  
Aos negócios de nosso dia a dia,  
Segundo o mandamento que nos guia.

5  
Das sombras da atra noite libertaram-se  
Bosques, montanhas, mares, vales, prados,  
E ao nosso olhar perplexo revelaram-se  
Todos os teus milagres realizados.  
Lá em toda parte exclama cada ser:  
"Senhor, o provedor do meu viver!"

6  
Fulgura a cada dia no alto o astro  
E traz sua luz ao topo da existência;  
Mas só teu olhar penetra o fundo báratro  
E não possui limite a tua ciência.  
Do teu olhar, da claridade tua,  
Vem alegria a toda criatura.

7  
Criador, a mim, por trevas encoberto,  
Verte todo o saber do teu luzir.  
E o que for pelo teu desígnio certo  
Sempre ciente ensina-me a erigir  
E, toda a criação a contemplar,  
Ensina a ti louvar, imortal Tzar!

4  
Сия ужасная громада  
Как искра пред Тобой одна.  
О коль пресветлая лампада,  
Тобою, Боже, возжжена  
Для наших повседневных дел,  
Что Ты творить нам повелел!

5  
От мрачной ночи свободились  
Поля, бугры, моря и лес,  
И взору нашему открылись  
Исполнены Твоих чудес.  
Там всякая взывает плоть:  
Велик Зиждитель наш Господь!

6  
Светило дневное блистает  
Лишь только на поверхность тел;  
Но взор Твой в бездну проникает,  
Не зная никаких предел.  
От светлости Твоих очей  
Льет радость твари всей.

7  
Творец! покрытому мне тмою  
Простри премудрости лучи  
И что угодно пред Тобою  
Всегда творити научи  
И, на Твою взирая тварь,  
Хвалить Тебя, бессмертный Царь.

**Meditação Noturna sobre a  
Grandeza Divina por Ocasão da  
Aurora Boreal**

1  
Oculta agora o dia sua face,  
Aos campos a atra noite está a cobrir,  
Nos montes sobe a sombra num enlace  
Curvando-se se foi a luz daqui.  
Repleto abriu-se o abismo das estrelas;  
Não há fundo nem número a contê-las.

2  
Tal como grão de areia em ondas vastas,  
Minúscula fagulha em gelo eterno,  
Tal vento esvoaçando breve brasa,  
Pena queimando em fogo sempiterno,  
Assim eu nesse abismo submergido,  
Perco-me em pensamentos, aturdido.

3  
As vozes dos mais doutos asseguram:  
“Lá em grande profusão há outros mundos,  
Há infinitos sóis que lá fulguram,  
Gente há também vivendo anos fecundos.  
Para a glória de Deus enaltecer,  
Lá tem medida igual a luz do ser.”

**Вечернее Размышление о Божьем  
Величестве при Случае Великого  
Северного Сияния**

1  
Лице свое скрывает день,  
Поля покрыла мрачна ночь,  
Взошла на горы чорна тень,  
Лучи от нас склонились прочь.  
Открылась бездна звезд полна;  
Звездам числа нет, бездне дна.

2  
Песчинка как в морских волнах,  
Как мала искра в вечном льде,  
Как в сильном вихре тонкой прах,  
В свирепом как перо огне,  
Так я, в сей бездне углублен,  
Теряюсь, мысльми утомлен!

3  
Уста премудрых нам гласят:  
«Там разных множество светов,  
Несчетны солнца там горят,  
Народы там и круг веков;  
Для общей славы божества  
Там равна сила естества».



4

Mas onde está, Natura, a tua lei?  
Da Terra-da-Meia-Noite sobe a aurora;  
Não firmou lá seu trono o Astro-Rei?  
De mar de gelo um fogo se avigora?  
Pois essa chama fria nos cobriu,  
E dia na terra em plena noite abriu!

5

Ó vós cuja presença o olhar ligeiro  
Grafa no livro as leis da eternidade;  
A quem mesmo o sinal mais corriqueiro  
Revela as regras da realidade.  
Conhecei dos planetas cada rota,  
Dizei então o que tanto nos toca?

6

Mas que dentro da noite é esse clarão?  
Delgada chama tange o firmamento.  
Relâmpago sem nuvens de trovão,  
Do zênite até a terra em movimento.  
Como é que dentre a névoa congelante  
Nasce no inverno um fogo assim brilhante?

7

A pingue bruma contra a água se agita,  
Ou então é a luz do sol que está brilhando  
E a nós pelo éter denso vem vertida,  
Ou cumes nebulosos vão queimando,  
Ou Zéfiro cessou seu sopro ao mar  
E chocam-se ondas plácidas no ar?

4

Но гдеж, натура, твой закон?  
С полночных стран встает заря!  
Не солнцель ставит там свой трон?  
Не льдистыль мещут огонь моря?  
Се хладный пламень нас покрыл!  
Се в ночь на землю день вступил!

5

О вы, которых быстрый зрак  
Пронзает в книгу вечных прав,  
Которым малый вещи знак  
Являет естества устав,  
Вам путь известен всех планет;  
Скажите, что нас так мятет?

6

Что зыблет ясный ночью лучь?  
Что тонкий пламень в твердь разит?  
Как молния без грозных тучь  
Стремится от земли в зенит?  
Как может быть, чтоб мерзлый пар  
Среди зимы раждал пожар?

7

Там спорит жирна мгла с водой;  
Иль солнечны лучи блещут,  
Склонясь сквозь воздух к нам густой;  
Иль тучных гор верьхи горят;  
Иль в море дуть престал зефир,  
И гладки волны бьют в ефир.



8

Vossas respostas enchem-se de dúvida  
Até sobre o que está a nosso redor.  
Dizei quão vasto é o que sustenta a vida  
E aquilo que há além do astro menor?  
Qual é do ser seu último valor?  
Dizei, enfim, quão grande é o Criador?

8

Сомнений полон ваш ответ  
О том, что окрест ближних мест.  
Скажитеж, коль пространен свет?  
И что малейших дале звезд?  
Несведом тварей вам конец?  
Скажитеж, коль велик Творец?

## Referências bibliográficas

ALEKSÉEVA, N. Iu. *Rússkaia Oda: Razvítie odítcheskoi formy v XVII XVIII viékakh*. Sankt-Peterbutg: Nauka, 2005.

BOILEAU. *Oeuvres Complètes*. (Encyclopédie La Pleiade) Paris: Gallimard, 1966.

DERJÁVIN, G.; GROT, Ia. *Sotchiniénia*. Sanktpeterburg: Tipografia Akadiémi Nauk, 1872.

CHÍCHKIN, A.V. Poetítcheskoe sostiazánie Trediakóvskogo, Lomonóssova i Sumarókova. *XVIII Viek*, v. 14, p. 232–246, 1983.

FRATE, Rafael. *Mikhail Vassílievitch Lomonóssov: Uma apresentação*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016 a.

FRATE, Rafael. Como verter um sistema métrico? *Tradterm*, v. 28, p. 10, 2016 b.

LOMONÓSSOV, M. V. *Pólnoe Sobránie Sotchiniénia (PSS) Tom 3 - Trudy po Fízike*. Moskvá, Leningrad: Izdtvo Akadiémi Nauk SSSR, 1952.

LOMONÓSSOV, M. V. *Polnoe Sobránie Sotchiniénia (PSS) Tom 8 - Poeziia, Oratórskaia Proza, Nádpisi*. Moskvá, Leningrad: Izdtvo Akadiémi Nauk SSSR, 1959.

LUCCHESI, Marco. *Bizâncio*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MOSER, Charles. Lomonosov's "Vecherneye razmyshleniye". *The Slavonic and East European Review*, v. Vol. 49, n. No. 115, p. 189-199 (11 pages), 1971.

PEKÁRSKI, Piotr. *Istoria Akademii Nauk*. Sankt Peterburg: Tipografia Imperatórskoi Akadiémi Nauk, 1873.

TREDIAKOVSKI, V. K.; ALEKSÉEVA, N. Iu. *Sotchiniénia i perevódy kak stikhámi, tak i prozoii*. Sankt-Peterburg: Nauka, 2009.